

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

Para a historia do livro em Portugal

**SOCIEDADE TRADUTORA E ENCARREGADA DO MELHORAMENTO
DA ARTE DE IMPRIMIR E DE ENCADERNAR — Lisboa, 1821**

Em 1821, Francisco Luís de Gouveia Pimenta, bacharel em leis, Inácio António da Fonseca Bemevides, bacharel em medicina, Leonel Tavares Cabral, bacharel em leis, João Aleixo Pais, bacharel em cânones, Joaquim Alves (Maria Sinval, bacharel em leis, Joaquim José Fernandes, bacharel em medicina, fizeram imprimir um projecto de uma *Sociedade Traductora, e Encarregada do Melhoramento da Arte de Imprimir, e de Encadernar* (*), cujo censor era Pedro José de Figueiredo, sócio (da Academia das Ciências, e, tomo caixa e impressor, Julião Rolland.

Entre os fins desta Sociedade, que ignoramos se chegou a funcionar ou não, destacamos: traduzir para português as obras estrangeiras de maior valor, imprimir os nossos clássicos, cujas edições são raras ou deficientes, etc. A Sociedade compromete-se a publicar volumes de 300 a 400 páginas, em papel de fábricas portuguesas, de boa qualidade, ao preço de 960 réis por volume. Cada assinante deverá adiantar 4 800 réis, equivalente a cinco volumes. Além disso, a Sociedade compromete-se a mandar vir matrizes de França e a estabelecer também uma fundição de letra, para satisfazer os seus fins e promessas. As obras serão vendidas ao público por 1 400 réis por volume.

A Sociedade solicitava, dados os seus fins, que o Soberano Congresso e o Governo a tomassem sob o seu patrocínio, que os seus sócios fossem considerados (autores ao serviço da Nação, que sejam isentos de direitos as matrizes, instrumentos necessários à fundição que ia mandar vir de França, que a Alfândega não retarde o seu despacho, que a Oficina Nacional da Fundição de Letra lhe apronte,

C¹) Vide *Miscelânea* 134, n.º 2510, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Este folheto foi impresso na Tipografia Rolandiana, de Lisboa, no ano de 1821.

com preferência sobre qualquer particular, as encomendas feitas enquanto a fundição da Sociedade não entrar em laboração.

Por último apelava-se para que todos os portugueses, amantes do progresso das ciências e artes, aderissem a tal Sociedade.

Os principais animadores desta Sociedade foram Francisco Luís de Gouveia Pimenta e Inácio António da Fonseca Benevides, que verificavam, em primeiro lugar, «o atrasamento em que se acha o gosto da leitura entre nós, a escassa população, a carestia do papel, a falta de bons caracteres, a mingoa de officiaes para compor e imprimir» e, em segundo lugar, a Sociedade procuraria «melhorar a arte typographica, e a de lencademação, ambas as quaes se achão tão definhadas entre nós».

O tipo idesta Sociedade insere-se perfeitamente no ambiente português da época.

Surgem então os gabinetes de leitura, pulula uma literatura de diversão e de formação. Por outro lado, há uma avidez de saber, de informação, a que as gazetas do tempo desejam corresponder de forma cabal. Já o próprio Balbi se admirava como apareciam todos os anos tantas obras num país como o nosso em que se lutava com uma «petite masse de la population, à l'état de Instruction chez le plus grand nombre des habitants, au prix élevé du papier et de la main-d'oeuvre, au manque de tout encouragement donné aux auteurs, à la grande sévérité de la censure politique et ecclésiastique, et au peu de communications littéraires et commerciales». Balbi continuava com as suas observações estatísticas sobre a produção libraria entre nós dizendo que o total de obras publicadas em Portugal desde 1800 a 1819 seria 1766, não incluindo nesses números a produção editorial da Academia das Ciências de Lisboa e da Universidade de Coimbra, que foi de 116 obras. Havia, assim, uma produção anual, entre nós, de 100 obras, o que era muito bom, pelo que, prosseguia Balbi, «la fécondité et le nombre des auteurs vivans de ce pays, en égard à la population, sont supérieurs à ceux de tout autre pays de l'Europe». Quanto ao volume do comércio do livro estrangeiro importado, Balbi indica as seguintes cifras para o séc. XVIII, logo a seguir à reforma pombalina — 400 000 francos; e para o ano de 1818 cerca de 180 000 francos por ano, sendo 140 000 para os livros franceses, 40 000 para os ingleses, italianos e de outras procedências. Para o comércio interno dos livros, jomáis, almanaques, oatólo-

gos, etc., vendidos nas três principais cidades portuguesas, Lisboa, Porto e Coimbra, Balbi calculou 1 400 000 francos, quando em França era de 24 000 000.

Estes números servem, para lá da sua imprecisão, para nos dizer como o movimento da leitura iera intenso, embora limitado a determinados sectores da população.

Assim énnos muito mais fácil perceber os objectivas ida presente Sociedade Tradutora, que se explicarão por si.

Por outro lado também é de toda a conveniência darmos algumas notas biobibliográficas dos seus componentes para vermos como o movimento da leitura merecia por banda dos intelectuais da época um apoio muito especial, sobretudo por parte dos jovens saídos dos bancos da Universidade.

Eis algumas dessas notas.

Francisco Luís Gouveia Pimenta, filho de Francisco Correia Pimenta de Carvalho e de Ana Pinheiro, nasceu em Torres Novas em 1790 iC¹). Estudou no seminário de Santarém e em 1805 foi para Coimbra onde ingressou no Curso Jurídico. Participou nas campanhas das guerras peninsulares para só voltar à Universidade em 1813, graças à intervenção do seu amigo marquês de Tañeos. A 23 de Maio de 1815 formou-se, passando a desempenhar o cargo de juiz de fora da Atalaia e, quando mais tarde o quiseram colocar no Sabugal, passou a exercer apenas a advocacia em Lisboa. Em 1828 foi para Paris, havendo regressado a Lisboa em 1834 onde foi provido como secretário geral de Prefeitura da Corte. Em 1836 demitiu-se do cargo e retirou-se para Torres Novas, donde partiu outra vez para o exílio em 1837. Voltou a Portugal em 1838, fixou-se em Torres Novas e casou em segundas núpcias com Quitéria Antonia Dantas Pereira, filha do literato Dantas Pereira. Em 2^o de Outubro de 1841 contribui para o aparecimento da *Gazeta dos Tribunais* e pouco depois criou a *Revista dos Tribunais*, de efêmera existência. Faleceu em Lisboa a 31 de Julho de 1845, ficando sepultado no cemitério do Alto de São João.

(i) **Elogio histórico dlo sir. Francisco Luiz de Gouvea Pimenta, falecido sócio da Associação dos Advogados de Lisboa, recitado nia 2.^a conferencia do mez de Outubro de 1845, pelo socio extraordinario sr. João da Cunha Neves e Carvalho Portugal, in *Gazeta dos Tribunaes*, Lisboa, 5 (627)', de 20 de Outubro de 1845, ip. 2530-2532.**

Inácio António da Fonseca Benevides nasceu no Ervedal da Beira a 15 de Janeiro de 1788, havendo morrido em Lisboa aos 29 de Dezembro de 1857. Foi um distinto clínico que deixou larga obra científica, nomeadamente no capítulo do cólera morbus. Formou-se em Medicina em Coimbra no ano de 1813 e, em 1821, era professo da Ordem de Cristo. Foi sucessivamente médico efectivo da Real Câmara, físico-mor da Armada, director do Hospital Militar de São Francisco. No momento em que se fundava a Sociedade de que queremos assinalar os estatutos, ou seja no ano de 1821, o dr. Inácio Benevides, inidava a publicação de urna série periódica intitulada *Constituições e cartas modernas* dos Estados da Europa e da América, de que apenas saíram alguns números.

Leonel Tavares Cabral, natural de Coimbra, onde nasceu a 9 de Fevereiro de 1790, faleceu a 2 de Agosto de 1853. Obteve o grau de bacharel em Leis na Universidade de Coimbra em Julho de 1819. Foi juiz de fora na ilha do Pico, cargo de que tomou posse em 14 de Janeiro de 1826. Liberal convicto, esteve na emigração na Inglaterra, Bélgica e França, desde 1828 a 1833. Regressou a Portugal e foi eleito (deputado às cortes de 1834. Por motivos políticos foi preso em 7 de Outubro de 1846, havendo jazido na cadeia (até Junho de 1847 (ver *O Conimbricense*, 14 de Maio de 1887). Foi colaborador de *O Nacional* nos anos de 1835 e seguintes, e mais tarde redactor de *O Patriota*, jornal setembrista, que manteve larga polémica com a *Revolução de Setembro*, quando o partido popular se dividiu.

Joaquim Maria Alves Sinval, natural de Viseu, onde nasceu em 1790 e aí morreu aos 30 de Dezembro de 1827, formou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra em 1813. Dirigiu de 1820 a 18213, o *Astro da Lusitânia*, que era um jornal liberal que chegou mesmo a atacar o general Gaspar Teixeira pela formia 'como este provocara os acontecimentos de 11 de Novembro de 1820. Sinval obteve então grande popularidade com a sua atitude liberal e por ser também um polemista famoso. Com a suspensão do *Astro da Lusitânia*, voltou para Viseu, onde advogou, com escritório na antiga rua (da Cadeia, e exerceu na região larga actividade política.

Era filho de Francisco Alves dos Reis, rico proprietário e 'comerciante, que viveu na Quinta do Pereiro, no limite de Ranhados.

Joaquim Sinval foi casado com Ana Bárbara da Silva Barbosa ou Ana Bárbara de Almeida, filha de Manuel José Antunes Barbosa, do Porto-

Pedro José de Figueiredo nasceu em Lisboa a 29 de Junho de 1762, filho de Caetano José de Figueiredo, cirurgião da Câmara da rainha D. Maria I, e de Gertrudes Margarida de Figueiredo. Estudou Humanidades no Colégio Irlandês de São Patrício, o grego com o professor régio José Januário Lombardi, a filosofia com Agostinho José da Costa de Maoedo e a retórica com Francisco de Sales. Foi sócio correspondente, depois efectivo, da Academia Real das Ciências de Lisboa, que o elegeu para revisor tipográfico das suas obras. Em Setembro de 1820 foi indicado pelo governo como membro da Comissão para ta censura ide livros 'e papéis.

Morreu na cidade de Lisboa, em 11 de Fevereiro de 1826, passando por grandes dificuldades materiais.

O Conselheiro Manuel José Maria da Costa e Sá, ao fazer o elogio público na Academia Real das Ciências de Lisboa, em 13 de Dezembro de 1830, (começou por salientar¹⁾ que Pedro José de Figueiredo chegou a comprar raros portugueses para D. José, príncipe 'do Brasil, de que foi professor. Ao que parece, procurou também (ampliar a *Biblioteca Lusitana*, percorrendo arquivos e bibliotecas e particulares para recolher elementos para tão operosa tarefa.

Publicou, entre outros: *Arte grammática portuguesa*, Lisboa, 1799, que teve mais duas edições; *Retratos e elogios dos varões e donas, que ilustraram a nação portuguesa*, Lisboa, 1817; *Carta em resposta de certo amigo da cidade de Lisboa, a outro da villa de Santarém, em que se lançam os fundamentos sobre a verdade ou incerteza da morte d'elrei D. Sebastião na batalha d* Alcacer - -Quibir* — Lisboa, 1808.

Além disso, na 3.^a edição do *Dicionário da língua portuguesa* de António de Moraes Silva, aparecida em 1823, Pedro José de Figueiredo acrescentou cerca de cinco a seis mil vocábulos. Antes, porém, em 1806, iniciou a publicação dos primeiros cadernos das vidas e retratos dos varões e donas ilustres da nação portuguesa, que teve nova edição, (conforme acima se assinalou.

0) *História e memórias da Academia Real dais 'Cienciais de Lisboa*,
2.^a serie, t. II, parte I, p. I-VII,

Por último temos três nomes de que pouco conseguimos apurar. São eles: João Aleixo Pais, Joaquim José Fernandes e Julião Roland, caixa e impressor da Sociedade.

Quanto ao caixa le impressor, *Julião Rolland*, deve, com certeza, tratar-se do herdeiro de Francisco Rolland, tipógrafo e livreiro francês, que se estabeleceu em Lisboa ao redor do ano de 1770. Assim sabemos que este em 21 de Fevereiro ide 1786 tinha casa 'comercial no Bairro Alto, na esquina da rua do Norte. Mas a 27 die Dezembro de 1794 já se tinha transferido para o Largo de Nossa Senhora do Lorefo, onde, aos 21 de Março de 1800, o vamos ainda aí encontrar C¹).

Sousa Bastos dá-ínos mais notícias >(2), afirmando que a casa Rolland esteve no Chiado, «que mudou depois para a Rua Nova dos Mártires para o prédio onde 'está hoje o Club Ginásio», passando a ser então a firma Rolland & Semiond. Por último, afirma o mesmo autor, «esta livraria 'era dirigida por um cavalheiro de apelido Rovere, homem fino, inteligente trato muito agradável e com as melhores intenções, mas negação para o negócio de livros, acabando por liquidar a casa, vendendo a peso aos trapeiros as magníficas obras >e muito bem encadernadas».

Quanto a *João Aleixo Pais*, sabemos que era filho do Dr. Luís José Aleixo Pais, pprofesso na Ordem de Cristo e 'corregedor de Vila Real e sua 'comarca, natural da freguesia de Santa Maria dia cidade de Lagos, e de D. Jacinta Felizarda da Silveira, natural da freguesia de Santo Antão da cidade de Évora; neto paterno de Manuel Aleixo Pais, natural de Mora e de D. Paula Maria da Cruz, natural de Mafra, e materno de Rafael Gomes de Bastos, natural 'da freguesia de Cepelos, e de D. Alexandrina Antonia de Jesus, natural de Santo Antão da cidade de Évora. João Aleixo Pais nasceu em Vila Real aos 17 de Setembro de 1791 e foi baptizado na freguesia de São Pedro de Vila Real em 29 de Outubro desse mesmo ano.

Foram seus padrinhos o Príncipe D. João, o futuro D. João VI, e Nossa Senhora do Carmo, por devoção dos pais. Relativamente

(1); pLopes de Almeida — *Notícias históricas de Portugal e Brasil (1751-1800)*, 'Coimbra, 1964, p. 414.

(2) Sousa Bastos¹ — *Lisboa velha. Sessenta anos de recordações. 1850 a 1910* — Lisboa, 1947, p. 163-164.

ao facto de D. João ter sido padrinho conhece-se o seguinte aviso: «O Sereníssimo Senhor D. João, príncipe do Brasil, por um seu Real Aviso, dirigido ao reverendo António Cristóvão Pereira Pires Mourão, do qual o seu teor *Verbo ad verbum* é o seguinte: Querendo o Príncipe meu Amo fazer a Honra de Ser compadre do corregedor de Vila Real, Luís José Aleixo Pais, me ordenou avisasse a Vossa Mercê para ir assistir ao baptismo de um filho do dito corregedor como procurador do mesmo senhor. Vossa Mercê assim o executará em o tempo competente. Deus Guarde a Vossa Mercê mais anos. Paço de Queluz, 13 de Outubro de 1791. Marquês de Tañeos. João Aleixo Pais matriculou-se no 1.º ano jurídico da Universidade de Coimbra em 30 de Abril de 1813 e formou-se em Cânones la 31 de Maio de 1817.

Relativamente a *Joaquim José Ferrtandes*, apenas sabemos que era filho de Joana da Conceição, natural de Torres Novas, e de pai incógnito, neto materno de António Lopes de Carvalho e de Ana Joaquina da Conceição, ambos de Torres Novas. Foi baptizado em 8 de Agosto de 1789 na igreja de São Pedro de Porto de Mós por se encontrar nesse tempo nesta vila em casa de Joaquim Pereira Delgado, que foi seu padrinho. Matriculou-se no 1.ª ano da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra em 27 de Outubro de 1812, formando-se aos 30 de Abril de 1817.

Como nota final, temos de voltar a afirmar que nada mais sabemos desta Sociedade. Chegou a funcionar? Se chegou a exercer a sua actividade, como acabou? Bnfim, apenas, por hoje, podíamos trazer a lume os Seus estatutos, ficando a aguardar mais informações sobre uma sociedade que estava bem na linha da época — mitigar a sede de saber que então se verificava.

PROJECTO
DE DMA
SOCIEDADE TRADUCTORA,
E ENCARREGADA
DO
MELHORAMENTO DA ARTE
DE
IMPRIMIR, E DE ENCADERNAR

A consideração do muito que pôdem servir, para adiantar os conhecimentos humanos, e vulgarisa-lois gradualmente entre toda a classe de pessoas, que habitaõ o territorio do reino unido, as versões em linguagem portugueza das obras escriptas (pelos sabios dos outros piaizes; o 'exemplo das nações mais cultas, que incessant emente se applicaõ a este genero de trabalho litterario e ainda as ventagens que trazem á indústria de muitas, nlaõ s6 a publicação e commercio das obras loriginaes, mas 'até de traducções em seus proprios idiomas; e o que he mais vergonhoso para Portugjal, a reimpressão fõra delle de nossos proprios escriptos, como alguns de Vieira, Camões, Diniz, e outras: movéraõ os Bacharéis Francisco Luiz de Gouvêa Pimenta, e Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, a idelinelar o projecto, que adiante se offerece á approvação do Soberano Congresso, tomando por isoaios os abaixo declaradlos.

D atrazamemto em que se acha o gosto da leitura 'entre nós, a escassa população do reino, a carestia do papel, ia falta de bonis caracteres, a mingoa de officiaes para compor e imprimir, e outras mulitas circumstancias, tomando difficil a execução do projecto, fariaõ desanimar os seus 'autores, se não confiassem no Ifaivoir, que os Representantes da Nação, Governo, e os homens die Letras, e todos os Portuguezes haõ de prestar a um estabelecimento, o qual, posto que na sua origem appareça debil, e imperfeito, páde tornar-se robusto e mui proveitoso pelo andar dos tempos.

Elie comprehende secundariamente ia empieza de melhorar a arte typographica, e a de encadernação, ambas a9 quaes se achaõ tão definhadas entre nós. Oxalá que os ardentes desejos dos autores do projecto pella prosperidade da isua patria ise realizem tão rapida e completamente, nesta e <em todas as mais partes, quanto he permittido ás forças dois homens.

F6рма, e Uns da Sociedade, e relação das socios antre si.

1. Uma sociedade, «composta pelo menos de seis homens dc letra»*, se empregará em traduzir dos outros idiomas pana o Portuguez as obras, que parecerem mais uteis á Nação, e que gozarem da estima das pessoas instruidas. Esta sociedade fará imprimir por sua conta, e debaixo das suas vistas e direcção, as traducções feitas pelos seus socios, e também aquellas, que legitimamente adquirir de pessoas de fõra, uma vez que mereção a sua approvaçãõ: outro fará reimprimir os originaes dos nossos clássicos, cujas edições ou saõ iraras ou muito imperfeitas*

2. A sociedade cuidará com todo ¹⁰ desvêlo em que as suas edições se (publiquem o mais correctas e formosas, que lhe for possível, esforçando-se de continuo para que gradualmente nos vamos aproximando daquelle estado de perfeição, que a semelhante respeito tem alcançado ais nações mais cultas e industriosas.

3. A sociedade escolherá d'entre os iseus membros um paira censor. Este terá a seu cargo o confrontar ais diversas edições dos clássicos que se imprimem, e dirigir as reimpressões; e bem assim examinar as traducções que se forem fazendo, comparando-as com os originaes, para que, de commun acordo com o traductor, se fação as emendaes necessarias; e caso não haja entre ambos conformidade, se guardará o que se decidir pela pluralidade dos socios.*

4. A Sociedade igualmente designará loutro socio para rever ais provas, vigiar sobre a boa e uniforme orthographia, fazer emendar ou evitar os erros typographicos, meditar e propior á sociedade todos os meios para que se consiga a maior perfeição, e belleza nas edições, e encadernações*

5. A sociedade escolherá um impressor de probidade, intelligente e activo, com fundos ie estabelecimentoig taas, que mereça a Confiança pública; o qual será considerado, quanto a interesse ou perdas, como outro qualquer socio, além de receber em premio das obras impressas na sua officina o preço que ajustar com ia sociedade. Este impressor terá a seu cargo comprar o papel, e todas as cousas que forem necessarias aos fins da sociedade; fará a escripturação, vigiará sobre ia modo com que ise lencademarem os livros que se imprimem, e sobre a parte mecânica das impressões, regulará a venda dos livros, fará entregar iaos assinantes as obras, á proporção que se forem publicando; em fim será o caixa da sociedade, e authorisado para passar as cautelas aos assinantes, e receber deliês a importancia das assinaturas.

6. A sociedade também se applidará com efficacia ao melhoramento da encademação; para o que, ou terá urna officina por sua conta, ou se ajustará com um livreiro hábil, que encaderne os livros da sociedade, auxiliando-io para progressivamente ise conseguir neste ramo a maior perfeição.

7. Os socios isaõ as pessoas competentes para decidir sobre a admissaõ de outros, e a respeito de tudo quanto for relativo aos objectos siociaes. Cada um delles participará do ganho ou parda isocial; «e, no caso de morte, seus herdeiros responderão pela quota dos prejuizos, e receberão a parte correspondente dos lucros, que se liquidarem caber ao falecido no tempo em que foi socio.

8. Tudo quanlto for omisso, neste projecto, ou será posteriormente regulado pelos socios, ou decididlo pelos principios lapplicarveis a todas as sociedades.

Relações entre a Sociedade e as assinantes.

1. A sociedade fará aciabar dentro em dous annos, quanto naõ haja graves impedimentos, todas as obras que começar a imprimir neste periodo, as quaes os assinantes receberão em suas calsas, sendo nas cidades de Lisboa, Porto, e 'Coimbra.

[2« Cada volume constará aproximadamente de 300 até 400 páginas, impresso em papel dias nossas fabricas, de qualidade, e tamanho igual a este

em que vai o projecto; ie Será entregue já encadernado, com asseio mas sem luxo, pelo preço <de 960 réis.

3d Os assinantes deverão adiantar 4:800 réis na fôrma, equivalente de cinco volumes; e, tanto que tiverem recebido quatiro, reformarão as assinaturas, recebendo as competents cautelas do caixa da sociedade.

4é IA sociedade em geral, e cada um dos sócios em particular fica obrigado ia satiifazetr aios assinantes os objectiols de suais asisina'turas, e estes a receberem todos (ois volumes, que se publicarem no espaço de dous janos, com pouca differença; cujo número nem iserá menor de quinze, nem mais de trinta.

5. A sociedade se compromette a mandar vir matrizes de França, e a estabelecer uma fundição de letra, para poder satisfazer aos seus fins e promesisas.

•6« As obras, que a sociedade publicar, se venderão, a quem não for assinante, pelo preço de 1:440 réis cada volume encadernado.

Meios que a Sociedade supplica para entrar em exercick>, e poder prosperar.

I* Que o Soberano Congresso, o o Governo tomem debaixo do seu patrocínio este estabelecimento; e que se declare, que não só elle ihle do seu agrado, mas também que o será todo o favor ou auxílio, que os particulares por qualquer modo lhe prestarem.

.2* /Que os indivíduos, que se empregarem com zelo e acerto neste estabelecimento, se considerem como authores de serviços á INação.

3. Que o Soberano Congresso determine, e estabeleça ficarem isentas de qualquer direito as matrizes, e os instrumentos e utensílios necessários á fundição, que a sociedade vai mandar vir de França; e que na Alfandega se não retarde o seu despacho, logo que cheguem a este porto.

4. Que na officina Nacional da fundição de letras se lhe apromptam, com preferencia a qualquer particular, aquellas encomendas delia, que se houverem mister, em quanto a fundição da sociedade não 'entra a laborar.

5 4 iRoga-se a cada um dos iSenhores Deputados em particular queirão ser assinantes das obrias, que se imprimirem nestes primeiros dous annos.

6. A mesma rogativa se faz a todos ios Portugueses, amantes do progresso das sciencias, e artes.

SOOIOS,

Francisco Luiz de Gouvêa Pimenta, Bacharel Formado em Lei®.

Ignacio Antonio da Fonseca Benevides, Bacharel Formado em Medicina.

Leonel Tavares Cabral, Bacharel Formado em Leis.

Joaõ Aleixo Paes, Bacharel Formado em Cánones.

Joaquim Alves Maria Sinva!, Bacharel Formado em Lei®.

Joaquim Jozé Fernande®, Bacharel Formlado em Medicina.

CENSOR,

(Pedro Jozé de Figueiredo, Socio da Academia das Sciencias, &c.

CAIXA E IMPRESSOR,

Juliaõ Rolland &